

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 960	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	590	120	30 DE AGOSTO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



A BATALHA DE GUADALETE
Quadro de J. Dieguez

Chronica Occidental

Decididamente, não ha meio de falar n'outro assumpto. Quer um homem ir a Pedrouços ou ao Estoril arriscar dez tostões na roleta, e o companheiro do americano ou do comboio fala-lhe no

sr. José Luciano de Castro; quer, depois d'um dia de calor, refrescar-se com um capilé na Avenida, e o grupo que passeia vai discutindo o sr. Alpoim; encosta-se á hombreira d'uma porta para ver meninas bonitas, e as mamãs que as acompanham, elogiam o sr. João Pinto dos Santos; está em casa doente e chama um medico, e este, em

vez de receitar, enthusiasma-se com o sr. João Franco.

Nunca a politica portugueza chamou tanto a attenção como agora, nunca foram tão concorridas as galerias das camaras; nunca as paixões se exacerbaram tanto como n'estes ultimos dias, até obrigarem o sr. Pereira de Miranda áquelle pedido que ficará na historia e que muitos classificaram de inconveniente, mas que poz termo á discussão violenta do sr. Presidente do Conselho com o seu antigo collega, ex-ministro da justiça.

E para isto pediu o addiamento o sr. José Luciano de Castro, para que as paixões se acalmassem com o tempo, como elle o explicou. Bem lhe demonstrou o sr. Hintze Ribeiro que, mais do que ninguem, primeiramente na imprensa officiosa e depois no proprio parlamento, sempre fôra o sr. José Luciano quem, em vez de cerenal-as, mais as havia provocado.

Ficarão memoraveis estas sessões, cujos resultados proximos ou remotos ainda não podem ser seguramente avaliados. Para alguns deputados e pares não de servir de maior gloria, trouxeram-lhes já grande numero de sympathias e augmentaram-lhes o prestigio. A posição especial do sr. João Franco, a forma superior como entrou no debate, primores de que fez uso para dizer verdades, collocaram-o n'uma altura excepcional com admiração e applauso, mais ou menos evidentes, até dos proprios adversarios.

Não ha, pode dizer-se, indifferentes agora. Os mais alheios á politica, até quando as razões não percebiam dos assumptos discutidos, move-os um sentimento de curiosidade pelo menos. Desde o primeiro bello discurso do sr. João Pinto dos Santos, que já tinha a seu favor o ser dos homens mais sympathicos da politica portugueza, os mais preguiçosos para se deixarem commover em politica começaram lendo com interesse quanto se relacionava com a importantissima questão que se debatia.

No meio da tristeza que a muitos ensombra, talvez deva dar esperanza um certo acordar que se está vendo, e a vontade que se vai notando de reacção contra aquella submissão passiva de rebanhos levados adeante á voz de pastores, chefes de partido, conforme a frase do sr. Alpoim.

Discutiu-se a crise e a solução que lhe foi dada, e ainda o contracto dos tabacos não entrou em discussão. Não pode prever-se o mais que então será dito n'aquellas casas do parlamento, visto não ser provavel a dissolução d'estas camaras. Os ministros, se até lá viver o ministerio, teem de preparar-se para um ataque violentissimo, e, embora contem com a maioria bastante para uma approvação final, o que não terão decerto é oradores em numero sufficiente para responder a cada um dos adversarios. O abafarete não se fará esperar talvez, e a discussão não será tão ampla como por emquanto a apregoam. Outro remedio não haverá, se muitos esquecerem o pedido do sr. Pereira de Miranda n'aquella extraordinaria sessão em que o sr. conselheiro José Luciano de Castro explicou a crise na Camara dos Pares.

Não faltará decerto quem deseje o apparecimento de alguem capaz de desempenhar na politica portugueza o papel equivalente ao de Roosevelt entre os japonezes e russos. E não seria menos difficil.

Em qualquer epoca do anno, uma discussão politica como a de agora bem merecia a attenção, mas, quando outro assumpto não ha que entretenha as imaginações e nem o mais simples dos romances dá meia columna de prosa aos jornalistas.

Juliano, o demolidor da idéa sacrosanta da patria, D. Oppas, o bispo hypocrita e torpe e os filhos de Witiza, tendo abandonado com seus soldados as fileiras christãs, se collocaram ao lado dos sarracenos, e por forma tão hostil e encarniçada que as forças wisigodas foram completamente derrotadas.

A monarchia wisigothica ficou destruida, mas não esclarecido, como opina o erudito escriptor hespanhol o sr. A. S. Perez, o ponto historico, que se deriva da invasão dos arabes e das causas que facilitaram aquella rapida conquista, nem é provavel que o seja, tanto mais que reina (1) bastante incerteza nas narrações que se fazem d'estes successos, e variam por modo tão confuso, a tradição, as chronicas, a historia e a lenda, o anecdótico e o fabuloso que não é facil distinguir-se a verdade da ficção e o phantastico do verdadeiro.

A novella dos suppostos amores de D. Rodrigo e de Cava, filha do conde de Juliano, novella que a poesia vulgarizou em bellissimos versos e em dramas celebres; a hypothetica e quiçá imaginaria traição do bispo Oppas em sacrificar a patria e a religião ao odio que conservava a D. Rodrigo, embora este lhe houvesse contrariado os desejos de se sentar na cadeira arcebispal de Toledo, são factos que não estão comprovados, nem apparecem sequer referidos nos livros dos historiadores imparciaes e discretos; e, segundo Rabbe, (2) a critica severa dos modernos regeitou a historia da violação da filha do conde Juliano por D. Rodrigo, ultimo rei dos godos.

O sabio e distincto professor A. J. Vialle, sem ir d'encontro á incontestada auctoridade d'este historiador, accentua, d'um modo claro e conciso, na seguinte passagem, a sua razão proxima. «Occupava o throno D. Rodrigo, filho d'um duque de Cordova, a quem o rei Witiza mandára arrancar os olhos. Por desejo de vingança e espirito d'ambição tomára armas contra o tyranno Witiza; tinha-o vencido e havia usurpado a corôa. D'aqui se seguiram dissensões, desordens, anarchia. Os filhos e os adherentes do principe desenthronizado, e entre estes o conde Juliano, governador da Tingtania, (*Africa wisigothica*), chamaram os sarracenos em seu auxilio» com os quaes (acrescenta o eminente escriptor Oliveira Martins «se bandearam, esperando, que estes lhes dessem o throno».

E não menos se evidencia a alta competencia do douto escriptor hespanhol o sr. Perez, quando allude ás deficiencias descriptivas da batalha e seus incidentes, vista a falta de elementos veridicamente historicos, todos, na sua maxima parte, discordantes.

E, de facto, diz elle: se dermos credito aos chronistas arabes, D. Rodrigo, que tinha o proposito firme de impedir a invasão da mourisma, cujas hostes indisciplinadas, mas numerosas, se tinham apoderado da Andaluzia, organisou quasi de improviso um exercito de 80:000 homens, segundo uns, de 90:000, segundo outros, e pondo-se á testa de tão formidavel força, sahio ao encontro dos invasores. (3)

Depois de tres dias de combate renhido, (continua os chronistas arabes), D. Rodrigo cahiu coberto de feridas; seus inimigos cortaram-lhe a cabeça, que foi enviada como tropheu de victoria ao chefe dos musulmanos em Africa. Os wisigodos opposeram denodada resistencia durante seis dias; mas desorganizados, por ultimo, pela falta de direcção, succumbiram e se declararam derrotados.

Esta é a versão dos arabes, cujo orgulho patrio convinha pôr em nitido relevo para justamente dar ao seu triumpho caracteres de victoria difficilmente alcançada contra inimigos valorosos e tenazes.

Para os historiadores hespanhoes, D. Rodrigo, que julgou facilissimo dispersar em pouco tempo as desorganizadas turbas dos mouros, quando se lhes oppoz uma resistencia com que não contava, fugiu cobardemente, e na sua fuga encontrou o rio, onde morreu afogado, deixando ali sepultados os luxuosos arreios e as resplande-

centes insignias, cuja ostentação mais apropriada seria em uma festa com o sequito de seus cortezaes do que em uma guerra, (4) pretendendo se, todavia, attribuir, com algum fundamento, a origem d'esta versão aos amigos, parentes e contraparentes de D. Rodrigo, que, comquanto não lhe fossem dedicados, não lhes deixou por isso gratas recordações; o emir Abdulaziz, que casou com Egelona ou Ayela, que os poetas chamavam Omalizan, (a dos preciosos collares), a ultima esposa do monarcha, se não fala em favor de tão celebrada fidelidade ou constancia das matronas d'aquella raça, tambem não é muito favoravel ao conceito do esposo morto ou ferido.

Não falta quem supponha que, nem D. Rodrigo

(1) Espronceda, citando esta passagem, diz, em sublime phrase:

«Rodrigo en caño de marfil ostenta
Corona de oro y perlas en su frente;
La regia pompa y galas aparenta
Qui en los banquetes le adornó lucientes».

El Pelayo. Fragmento III. Batalla del Guadalete. oit. VIII.

perceceu aos golpes das cimitarras do crescente, nem morreu afogado no rio, mas que, posto a salvo deixando sem alento de vida o seu cavallo Orelia, e abandonado dos seus, se refugiara n'uma ermida, onde passou o resto dos seus dias entregue á oração e penitencia (1)

D. João Ferreras, bibliothecario de Filipe V, (2) tem como mais verosimil que D. Rodrigo se retirasse coberto de feridas para os lados de Vizeu, onde pouco tempo depois morreu ou fosse das feridas que tinha recebido ou da paixão que lhe causou a funesta revolução que pôz termo ao seu reino e á monarchia dos wisigodos.

O que é certo, porém, é que na obscura egreja de S. Miguel, do Fetal, junto a Vizeu, (3) apparece uma antiga campa com esta inscripção:

(1) Historia de las antiguidades de Merida, por Fernandez y Perez.

(2) Historia de Hespanha.

(3) «... extra muros (de Vizeu), junto ao cemiterio». Vizeu, apontamentos historicos, por Maximiano d'Aragão.—Tom. I. pag. 297.

A guerra entre a Russia e o Japão

Os plenipotenciarios da paz



O BARÃO DE KOMURA E O SEU SECRETARIO M. SATO, NA SUA CHEGADA A NEW-YORK

(1) El-Pelayo. Fragmento III. Batalla del Guadalete. oit. XIX.

(2) Trad.

(3) Résumé de l'histoire d'Espagne.

A GUERRA ENTRE A RUSSIA E O JAPÃO

OS PLENIPOTENCIARIOS DA PAZ

Hic requiescit Rodericus, ultimus rex Gothorum; inscrição que faz suppor que ali existem os seus restos mortaes.

Esta memoravel batalha, que acabou em 26 de julho de 711, e com ella a monarchia wisigothica, foi um successo tão glorioso para o exercito musulmano que, passando a submeter ao seu dominio a peninsula hispanica, cinco annos depois estava plantado n'ella o estandarte do propheta, occupando o emir Abdulaziz a Lusitania e os valorosos caudilhos Tarik e Musa toda a parte restante da peninsula, á excepção do recanto das Asturias, que lhe fica ao norte, ao pé das montanhas de Auseba, onde Pelayo, heroe de sangue real, fez centro das suas operações, com numerosissimos christãos, fundando ali um pequeno reino, obra da sua reconquista, que findou a 2 de janeiro de 1492, data em que com a entrada dos reis catholicos, Fernando V e Izabel, em Granada, não se fez esperar a expulsão dos sectarios de Mahommed das terras de Hespanha, de que estiveram senhores por espaço de 800 annos.

Tal foi, nas suas linhas geraes, a batalha de Chryssus ou Guadalete.

LINO J. F. DA COSTA.

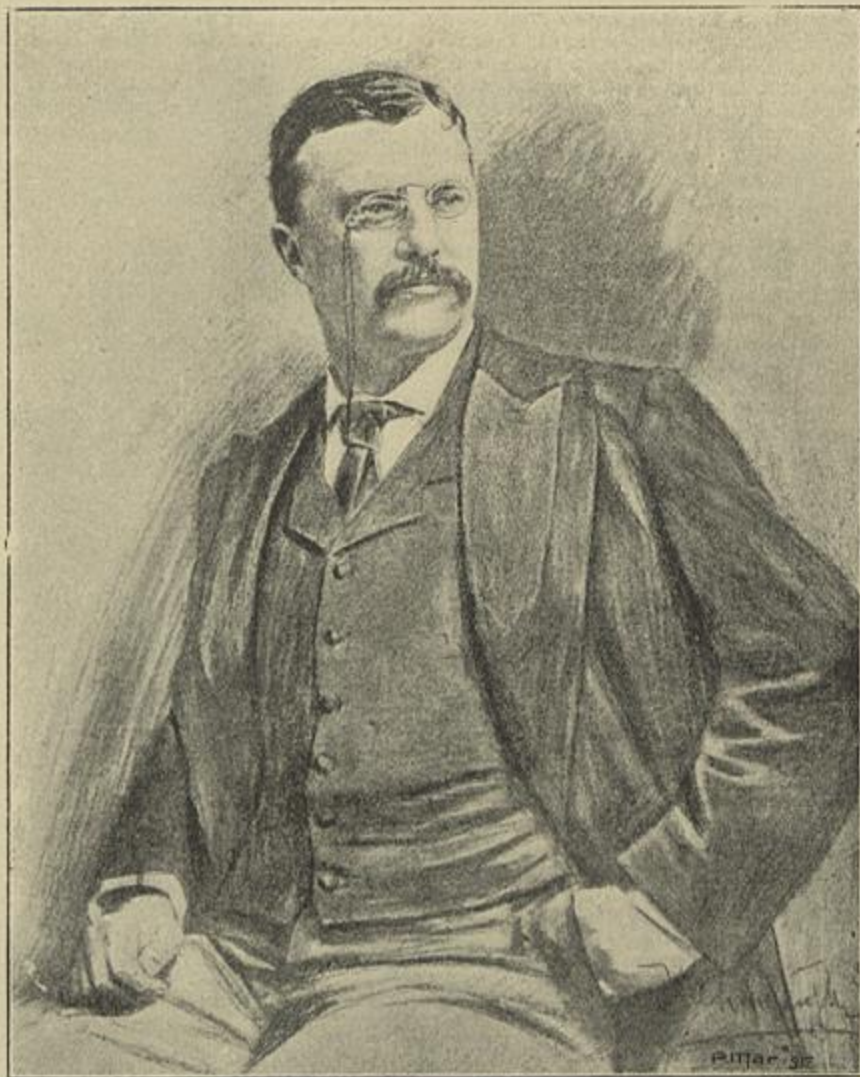
A GUERRA ENTRE A RUSSIA E O JAPÃO

OS PLENIPOTENCIARIOS DA PAZ

Como se sabe, o presidente Roosevelt dos Estados Unidos da America, foi quem tomou a iniciativa de propôr ao Japão e á Russia uma conferencia de plenipotenciarios das duas nações belligerantes, para accordarem nos meios de realisar a paz entre as duas potencias, iniciativa que foi bem accete por ambas as partes.

A Russia nomeou os seus plenipotenciarios, sendo o primeiro o dr. Witte, e o Japão procedeu de igual modo, sendo o seu primeiro plenipotenciario o barão Komura.

No dia 5 do corrente, o presidente Roosevelt fez a apresentação dos plenipotenciarios russos e japonezes a bordo do yacht americano *Mayflower*, ao largo de Oyster-Bay, e a primeira con-



O PRESIDENTE ROOSEVELT



O PRESIDENTE ROOSEVELT APRESENTANDO OS PLENIPOTENCIARIOS DA PAZ DR. WITTE E BARÃO KOMURA, NO SALÃO DAS RECEPÇÕES DO YACHT «MAYFLOWER»

Atheneu Commercial de Lisboa



JOSÉ MARIA DE LIMA NUNES
Fundador do Atheneu Commercial de Lisboa



O ESTANDARTE



EDIFÍCIO DO ATHENEU, NA RUA DE SANTO ANTÃO



MEDALHA COMMEMORATIVA DA FUNDAÇÃO DO ATHENEU COMMERCIAL



A TUNA DO ATHENEU COMMERCIAL DE LISBOA

ferencia realisou-se no dia 8 em Portsmouth (New-Hampshire), local combinado para as reuniões dos plenipotenciarios.

Desde esse dia tem os plenipotenciarios tido successivas conferencias para discutirem as condições apresentadas pelo Japão.

Entre essas condições ha tres que mais acaloradamente tem sido discutidas, e que são inaceitaveis para a Russia: a entrega dos navios russos refugiados em portos neutraes: o limite das forças militares russas nos mares do extremo-orient; a indemnisação das despezas feitas pelo governo do Mikado com a guerra.

Ha anda a questão da ilha Sakaline, de que o Japão está de posse e por cujo resgate tambem faz exigencias.

Foram estes os pontos mais questionados nas conferencias, e que por vezes fizeram receiar não se chegasse a accordo, perdendo-se toda a esperança de se realisar a paz.

A ultima hora, porém, chega-nos a grata noticia do Japão ter cedido substancialmente em todos os pontos controvertidos, vindo os plenipotenciarios da paz a completo accordo.

A paz vae pois ser assignada, o que é uma das maiores conquistas da diplomacia, em favor da humanidade, que bem dirá o nome do presidente Roosevelt, empenhado em alcançar este grande beneficio.

O Atheneu Commercial de Lisboa

Uma das mais importantes características das sociedades modernas está na generalisação da idéa de Humanidade, esse sentimento sublime e grandioso que eleva o homem á consagração de si mesmo.

A medida que a civilisação avança e que o homem adquire a consciencia da sua propria força multiplicada pela associação, vemos operar-se nas nações um movimento, que se traduz na glorificação, no culto dos seus homens de genio e no abandono das entidades lendarias.

Esta orientação, que marca o inicio do estado positivo do espirito humano, tão bem definido pelo grande philosopho Augusto Conte, determinou a celebração dos centenarios, em que se evidencia a gratidão dos povos pelos serviços e feitos dos seus grandes homens.

Em Portugal entrou, embora a custo, essa corrente de emancipação humana, iniciada por Garrett e Herculano e continuada pelos espiritos mais inteligentes e ousados dos fins do seculo dezanove.

Nasceu d'aqui esse extraordinario movimento de revivescencia nacional operado em 1880, após uma activa e persistente propaganda, em que tomaram parte as intellectualidades mais pujantes e liberaes, capitaneadas pelo sr. dr. Theophilo Braga, o glorioso creador do riquissimo monumento que se chama — *Historia da Litteratura Portuguesa*.

Trata-se da celebração do tricentenario da morte de Camões, o cantor sublime das nossas glorias, o creador d'esse livro unico — *Os Lusíadas* — que é o coração, o *ultimum moriens* da nacionalidade portugueza.

Para commemorar essa data de resurgimento nacional e de pagamento d'uma divida de gratidão ao mais illustre dos portuguezes, fundaram-se em Lisboa varias instituições, a maior parte das quaes já ha muito deixaram de existir.

Ha uma porém que conseguiu, após dolorosos transe, em que a ampararam alguns dos seus mais dedicados membros, — celebrar ha pouco as suas bodas de prata.

E' o *Atheneu Commercial de Lisboa*, essa maravilhosa associação, que, creada por um pequeno grupo de commerciantes, occupa hoje — volvidos vinte e cinco annos — um lugar proeminente no paiz.

A idéa da fundação do *Atheneu* germinou no cerebro fecundo de José Maria de Lima e Nunes a quem não faltaram activos e entusiasticos cooperadores, que se esforçaram por conservar e engrandecer a obra d'aquelle illustre patriota, que prestou á classe commercial, especialmente, um assignalado serviço. Com effeito, esta laboriosa e enorme classe vivia então n'uma crassa ignorancia, que a collocava em situação deprimente. O *Atheneu*, fundado pelos empregados do commercio, em homenagem a Luiz de Camões, veio promover esse desejado desenvolvimento intellectual e concorrer para o progresso moral e material de seus associados, difundindo por elles os conhecimentos uteis por meio de conferencias, sessões lit-

terarias e scientificas, estabelecendo aulas nocturnas de portuguez, francez, inglez, escripturação commercial, e outras, sustentando uma bibliotheca e gabinete de leitura de jornaes e empregando outros meios adequados e efficazes para o engrandecimento da classe.

Esta sympathica instituição tem cumprido honrosa e brihantemente o programma que havia estabelecido, embora por vezes a classe que se propoz proteger e engrandecer não lhe desse o indispensavel auxilio para uma vida desafogada. Graças porém á dedicação e á philanthropia de Miguel Evaristo Barbosa, o *Atheneu* conseguiu atravessar o momento mais critico da sua existencia, em que se assignalaram, juntamente com os de muitos outros dedicados socios, os esforços de Guilherme Santa Rita, que com denodado afincio trabalhou para o desenvolvimento d'esta instituição, cuja existencia e vicissitudes por que tem passado estão intimamente ligadas á historia da nossa patria durante os ultimos 25 annos.

Data de 1895, anno em que a sede do *Atheneu* se installou na rua de Santo Antão, operio do aureo d'esta poderosa aggremação, cujas phases se encontram desenvolvidamente descriptas no precioso livro — *Atheneu Commercial de Lisboa no seu 25.º anniversario*, devido á penna do fecundo e primoroso escriptor, sr. Victor Ribeiro. Esse trabalho, que é um monumento perduravel da consagração das bodas de prata do *Atheneu*, contem tambem preciosos escriptos d'alguns dos mais illustres propugnadores d'aquelle instituição, inaugurada em 1880 por um dos membros da grande commissão de tri-centenario camoneano, o sr. dr. Magalhães Lima, desvelado protector d'esta instituição, que lhe deve inolvidaveis serviços.

O *Atheneu Commercial de Lisboa* tem sido desde o seu inicio um propugnador audaz, incansavel, constante, de tudo quanto pode representar o melhoramento moral e material dos empregados do Commercio, sendo seu principal objectivo a instrucção profissional do caixeiro, o que eleva esta prestimosa instituição á categoria de uma verdadeira sociedade de instrucção.

No louvavel empenho de concorrer tambem para a instrucção popular, o *Atheneu* abre frequentemente as suas portas ao publico que afflue ás vastas e luxuosas salas afim de ouvir interessantes conferencias, que versam sobre assumptos de reconhecida vantagem para a educação e instrucção do povo.

Essas conferencias são feitas pelos mais distinctos professores, medicos, jornalistas, litteratos e propagandistas, que espontanea e bizarramente se offerecem para tão sympathico fim. Durante os vinte e cinco annos da sua existencia foram feitas no *Atheneu* cento e seis conferencias, em cujo numero avultam as que foram promovidas pela benemerita *Associação Nacional dos Tuberculosos*.

Desde 1896 tem-se realisado no *Atheneu* uma serie brilhante de exposições de diversas ordens, com manifestas vantagens para o seu bom nome e para os interesses do paiz.

Novamente felicitamos o sr. Victor Ribeiro, auctor da valiosa noticia historica do *Atheneu*, da qual extrahimos as seguintes palavras de entusiastica saudação aos benemeritos fundadores e cooperadores do *Atheneu*.

«Bem hajam aquelles que iniciaram tão benefico instituto, bem hajam quantos successivamente lhe dedicaram a sua affeição, os seus desinteressados serviços, de cujo conjuncto harmonico, n'uma congregação de vontades e de pensamentos, resultou o estado actual de prosperidade de uma associação como o *Atheneu*, que deve apontar-se com orgulho como admiravel exemplo de quanto podem a tenacidade do Bem e a expansão sincera das aspirações civilizadoras de uma classe laboriosa e util!»

«Envolvamos n'estas saudações entusiasticas todos aquelles que por qualquer modo cooperaram na realisação d'este ideal puro, bom e patrioticos dos empregados do commercio de Lisboa.»

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.

TUNA DO ATHENEU COMMERCIAL

Deve-se a sua fundação ao antigo e já fallecido professor da aula de musica do *Atheneu* sr. Soares Nogueira.

Apoz a morte d'este dedicado artista e com a acquiescencia do novo professor sr. José Vicente Pereira, tomou a regencia d'esta já importante *Tuna* o conhecido maestro sr. Miguel Ferreira

que bastante a tem feito progredir e desenvolver.

Nas poucas vezes que, a pedido, se tem exhibido em publico, tem conquistado innumerous applausos e sympathias que assás demonstram não só a sua importancia, mas tambem a consideração em que é tida a prestantissima collectividade que lhe deu o nome.

A sua existencia é a demonstração tacita do desenvolvimento intellectual e artistico da briosa classe commercial de Lisboa, que, a pouco e pouco, honrada e nobremente vae conquistando no concerto social o logar que lhe compete e a que tem jus.

Mas para conseguil-o que de sacrificios, que heroica força de vontade! Victimias d'uma ferrea disciplina e d'um excesso de labor que, só por si, são a mais eloquente synthese do nosso atrazo civilizador, convém notar que todos esses bons rapazes que ahi damos á estampa, só tarde, muito tarde, quando encerrados os estabelecimentos onde se empregam, é que podem comparecer aos ensaios da sua *Tuna* e cuidar da sua educação artistica.

Como seria pujante e numerosa a *Tuna* do *Atheneu* se, no commercio da capital, se puzesse em pratica a humanitaria iniciativa do encerramento nocturno mais cedo!

Como o corpo commercial da primeira cidade do paiz se elevaria aos olhos de todos se tal fizesse!...

O numero de executantes da *Tuna* continua cada vez sendo mais elevado, contando presentemente mais de 70, dos quaes se acham representados parte na gravura do grupo que publicamos a pag.º 189 e são: Snr.º Francisco Barbosa, Francisco Guerreiro, C. Jose Godefroy, Manoel R. Martins d'Almeida, Raul Gonçalves, Jose dos Santos, Miguel Ferreira (regente da *Tuna*), João Vicente Pereira (professor de musica do *Atheneu*) Hypolito Raymundo, Mario da Silva Rocha, João Moreira, João Telles Duarte, Antonio A. A. d'Araujo, Armando G. de Mattos, Jose de Figueiredo, Mauricio Mora, Illidio da Cunha, Manoel F. E. Franco, João J. Pereira, Barata, José L. Corrêa, Albertino Cunha, J. Asdrubal Domingos, Adeline dos Santos, Ribeiro, João Barbosa, Jose Antonio de Castro, Pinto, Erminio Seabra, Victorino C. de Figueiredo, Guilherme de Sousa, Raul Gomes, Christovam Creswell, Avelino H. C. Castro, Antonio E. F. Franco, Jose L. de Moraes, Jose F. Alves, Laurentino J. Alves, Joaquim A. Payan, Joaquim A. Fernandes, e Antonio M. Barradas.

Se, como é de crer, taes progressos continuarem a accentuar-se, em breve a *Tuna do Atheneu Commercial de Lisboa* será uma das primeiras do paiz e o santo orgulho da nossa mocidade do commercio.

Fechando esta breve noticia, escripta á pressa e de fugida, cumpre-nos felicitar a *Tuna* pelos seus progressos actuaes, augurando-lhe o prospero e ridente futuro de que é digna.

L. LOUREIRO.

DEPOIS DE WATERLOO

NA ILHA D'AIX

(Para Manuel de Macedo)

(Continuado do n.º 954)

Tivera Napoleão desde o principio da derrota a ideia de confiar-se á Inglaterra, tinha fé no caracter inglez.

Um dia, fallando com a rainha Hortense, disse-lhe: «Entregar-me á Austria, nunca, ella deteve minha mulher e meu filho. Entregar-me á Russia era entregar-me a um homem, entregando-me á Inglaterra, entrego-me a um povo.»

Tomando as finaes disposições, Napoleão escreveu ao regente d'Inglaterra o seu celebre bilhete e, sempre senhor de si, sempre incomparavel actor, deu a carta a ler a Gourgaud para observar o effeito que ella produzia. Satisfeito, disse-lhe que o encarregava de leval-a ao seu destino, e dictou-lhe depois a carta que Bertrand devia apresentar ao commandante inglez. N'essa carta avisa Maitland de que no dia seguinte, das 4 para as 5 horas da manhã, iria com o seu sequito para bordo do *Bellerophon*, e fazia-lhe saber tambem de que missão encarregava Gourgaud. Dizia ao commandante inglez que lhe agradava muito mais a residencia nos Estados Unidos, mas que não podendo ir para a grande republica americana, escolhia a Inglaterra de preferencia a ou-

RECORDANDO

DE

D. THOMAZ DE MELLO

tro paiz, que para ella queria retirar-se como simples particular, abrigando-se á protecção das suas leis.

Las Casas levou este officio ao navio inglez e de caminho o imperador encarregou-o de prevenir os capitães Poné e Philibert da sua decisão, mandando a cada um, como lembrança, um par de pistolas. Ambos manifestaram o seu pesar dizendo a Las Casas: «Vós não sabeis o que fazeis, não conheceis os inglezes! Dissuadi o imperador d'um tal projecto.» Era, porém, tarde, e os dois officiaes tiveram de tomar as disposições necessarias e avisaram o tenente Jourdan de la Passardière, commandante do brigue *Épervier*, para preparar-se.

Na noite de 14 de julho embarcaram no *Épervier* as bagagens do imperador e no dia 15, ao romper do dia, Napoleão vestiu o seu lendario uniforme verde de coronel de caçadores a cavallo da guarda, espada, calça curta e meias de seda, e embarcou na canoa que devia conduzi-lo ao navio, em frente de todo o seu acompanhamento, dos seus officiaes em grande uniforme e dos habitantes da ilha que tinham corrido a vel-o pela ultima vez.

Quando a canoa abordou o *Épervier*, o imperador despediu o general Becher, que lavado em lagrimas o abraçou affectuosamente, e como elle pedia para que o deixasse acompanhar-o até ao cruzeiro, Napoleão disse: «Eu vou para lá por minha vontade, se fosseis commigo poderiam dizer que me tinheis entregado aos inglezes. Não quero que sobre a França pese nem sequer a suspeita d'uma tal infamia.»

Durante a travessia do *Épervier* para a bahia dos Basques, o imperador passeava sobre a ponte, conversando com os officiaes e com os marinheiros sobre o seu mister, sobre as ordens que tinha dado durante o seu reinado, informando-se sobre a execução d'ellas, admirando todos pela sua presença d'espírito e pelo seu conhecimento das coisas. Conversando, não cessava d'olhar a costa. Ao tenente Jourdan de la Passardière pediu informações sobre a Inglaterra e caracter dos seus habitantes, pois sabia que o tenente estivera ali quatro annos prisioneiro. O tenente respondeu-lhe que visto o imperador exigir-lhe franqueza, a sua opinião era que sua magestade deveria dirigir-se para os Estados Unidos. Napoleão replicou-lhe ser impossível essa passagem, e o tenente concluiu que se devia, apesar d'isso, tentar que as fragatas forçassem o cruzeiro; como eram velozes tinham alguma probabilidade d'exitto. «Se as alcançassem, sua magestade seria considerado como prisioneiro de guerra, ora como estou persuadido que a bordo do *Bellerophon* será tratado como tal, eu preferia a resolução que me permittisse ainda alguma esperança.» Depois de ter reflectido um instante o imperador disse: «É muito tarde.»

Voltando para junto de Montholon e de Bertrand, contou-lhes esta conversação, mas estes dois officiaes encolheram os hombros, considerando o tenente Jourdan um creançola.

As 9 horas estavam perto do *Bellerophon* e Napoleão que tinha convidado madame Bertrand a servir-lhe d'interprete perguntou-lhe e a madame Montholon se sentiam coragem para irem a bordo do navio inglez, madame Bertrand respondeu-lhe: «Sim senhor». Convidou-as então a embarcar e um official inglez offereceu o braço a madame Bertrand.

Eram dez horas quando Napoleão deixou o *Épervier*. Toda a equipagem a bombordo bradava por entre lagrimas: «Viva o imperador!» N'este momento a *Saale* e a *Meduza* fazendo descer o pavilhão tricolor arvoravam bandeira branca: tinha terminado o imperio.

O imperador correspondeu expressivamente áquellas sentidas exclamações e o seu ultimo gesto foi tomar agua com a mão e lançal-a em forma de benção, despedindo-se.

Entrando no *Bellerophon*, foi recebido com as honras devidas aos generaes em chefe. O capitão Maitland esperava-o com todo o seu estado maior, «Venho collocar-me sob a protecção do vosso principe e das vossas leis.» Disse Napoleão.

Foi para os quartos que lhe estavam preparados, dormiu um pouco, depois pediu para visitar o navio e inspecionar a equipagem.

Propositadamente amavel para com todos, exercia poderosamente essa seducção pessoal que fazia dizer ao imperador Alexandre depois da entrevista de Tilsitt: «Nunca tive contra ninguem as prevenções que tinha contra eile, mas ao fim de tres quartos d'hora de conversação tinham essas prevenções desaparecido como um sonho.»

(Continúa)

RIBEIRO ARTHUR.

Titulo suggestivo este que o bom D. Thomaz de Mello — uma das mais conhecidas e sympathicas individualidades de Lisboa — deu a um dos seus livros, sempre tão desejados do publico entendedor.

E de facto é todo de recordações este magnifico livro, em que se passam em revista factos curiosos, uns do dominio do publico, que conhece a vida de Lisboa ha vinte annos atraz, e outros que são apenas do conhecimento d'uma galante roda de bohemios, de que D. Thomaz de Mello foi um dos mais brilhantes conviventes.



D. THOMAZ DE MELLO

De memorias é esta obra, como a *Bohemia*, do mesmo auctor, publicada ha tres ou quatro annos, cuja edição desapareceu das livrarias, procurada com avidez pelo publico, sempre presuroso quando se trata d'estas historias galantes do passado, ou de aneddotas vividas de uma geração que vae desaparecendo.

Em Lisboa houve uma epoca fertil d'esses casos da vida *bohemia*, que chegaram até nós contados na tradição oral, mas de que raros se havia escripto.

Foi D. Thomaz de Mello que os transportou agora a livro, e como quem foi testemunha de muitos, protagonista de alguns e convivente em todos, o seu trabalho tornou-se precioso.

E aquellas scenas são tão bem contadas, e escriptas tanto ao vivo que as tres ou quatro horas que o livro leva a lêr passam-se deliciosamente sem um momento de aborrecimento, sem um bocejo.

Recordando é edição cuidada da antiga Casa Tavares Cardoso, gerida actualmente por Gomes de Carvalho ao qual agradecemos a offerta d'esse bello livro de D. Thomaz de Mello, de quem damos o retrato.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR

O eclipse total do sol de 30 de agosto de 1905

Um pouco mais ao norte do local onde se produziu o grande eclipse de sol de 28 de maio de 1900, succederá no dia 30 de agosto, um phenomeno identico, phenomeno que se observará entre a 1 hora e 3 1/2 da tarde, durando por consequente mais de duas horas. A sua zona de totalidade abrange uma area enorme. O primeiro ponto eclipsado pelo sol será uma região situada ao sul do lado Wimipeg no momento do nascer do sol, em seguida, observar-se-ha na peninsula do Labrador — Oceano Atlantico — entrando na Europa pelo NW da Hespanha, e continuando a sua marcha, atravessando obliquamente a peninsula hespanhola passando por Burgos, Saragoça, Tortosa, Barcelona e tocando levemente em Valencia. Depois segue pelas Baleares, em Palma, atravessa o Mediterraneo, e passa na Algeria por Constantina, Philippeville, Sfax, etc., terminando na Arabia, ao pôr do sol.

Mas aos pontos onde melhor se pôde presenciar o phenomeno será aquelles em que este se produzir pelo meio do dia, como por exemplo: na Hespanha, e principalmente em Burgos e Saragoça, A. N. e a S., da linha de totalidade, o eclipse deverá só ser parcial.

Durante 4 minutos o sol deverá estar completamente encoberto.

De quasi todo o mundo, teem partido astrónomos de nome, com o fim de admirar tão grande espectáculo que, nas proximidades das nossas regiões só se repetirá no anno de 1912, devendo por isso, este eclipse constituir um objecto de estudo interessante, não só pelo phenomeno em si, como igualmente, para o exame minucioso das suas protuberancias da coroa solar, etc., exame este que só facilmente pode ser feito em occasiões semelhantes.

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

NECROLOGIA

O DR. W. STORCK (1)

O dr. Wilhelm Storck foi um benemerito de Portugal. Poeta, erudito e professor, applicou parte da sua vida a traduzir em verso allemão obras portuguezas, e a tratar da nossa litteratura, com o que contribuiu, tanto no terreno da arte, como no da historia, para que se vulgarissem e melhor se apreciassem na Alemanha e nos outros países onde a lingua allemã é vernacula, ou mais entendida que a nossa, os productos da actividade intellectual dos portuguezes, desde a idade-média até o presente.

Nasceu Wilhelm Storck em Letmathe, na Vestfalia, em 5 de julho de 1829. Tendo cursado o Gymnasio de Arnsberg de 1845 a 1850, frequentou estudos superiores em Munich de 1850 a 1851, e em Münster de 1851 a 1853. Em 1853-1854 esteve matriculado na Universidade de Bonna em philologia romanica. Em 1854-1855 preparou-se em sua casa, em Letmathe, para fazer exames de magisterio para o Gymnasio. Em 1855-1856 ensinou no Gymnasio de Paderborn. Em 1856-1859 estudou na Universidade de Berlim sãncrito, páli, zendá e philologia germanica, doutorando-se em Philosophia; a sua dissertação versou sobre os themas dos substantivos e adjectivos em páli. Em 1859 foi nomeado professor extraordinario na Academia de Münster, e em 1868 professor ordinario, cargo que exerceu até o dia da sua morte, occorrida em 16 de julho de 1905.

Não obstante as fadigas do professorado, Storck jámais cessou de cultivar as letras como escritor. O que especialmente o enlevava era a poesia, quer a portuguesa e outras romanicas, quer a germanica e a latina, sendo contudo a portuguesa aquella a que, na qualidade de traductor, mais se dedicou. Ultimamente tambem deu á estampa traducções biblicas em rima alliterante. Alem d'isso, Storck publicou um panegyrico do imperador Frederico, traduziu do inglêz, francês, italiano e hespanhol diversos romances, contos, dissertações e folhetos, em parte vindos a lume com o pseudonymo de Paul Grüne, e inseriu artigos doutrinaes e bibliographicos em jornaes e em revistas scientificas e litterarias.

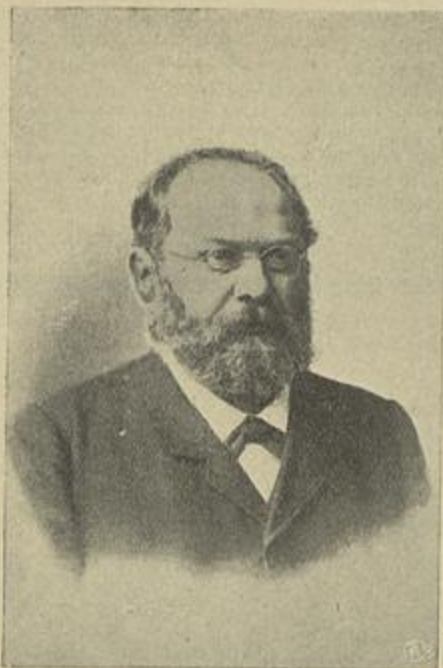
Os seus principaes trabalhos a respeito de Portugal são a traducção completa e annotada das obras de Camões e a biographia do nosso epico, (2) trabalhos estes precedidos de certos ensaios, — especie de *opera minora* —, a saber: traducção parcial das poesias lyricas, e uma memoria sobre *Camões na Alemanha*; mas tambem publicou traducções de mais poesias portuguezas (antigas e modernas), e numerosos artigos litterarios, a maior parte d'elles bibliographicos. Todas as traducções de poesias o são em verso.

Taes trabalhos motivaram outros, sobretudo criticas bibliographicas, publicadas por diversos escritores, dentro e fóra da Alemanha. A proporção que Storck dava á estampa os seus livros, ia-os enviando a alguns amigos, que lhe agradeciam em cartas e poesias, ás quaes por sua vez Storck de quando em quando replicava igualmente em forma poetica, estabelecendo-se assim interessante correspondencia litteraria em tórno da gloria do nosso país.

Não ha nenhum portuguez, por medianamente instruido que seja, que mais ou menos não co-

(1) Tendo-me o Sr. Caetano Alberto manifestado desejos de que eu lhe enviasse para *O Occidente* um artigo a respeito do venerando lusitanophilo allemão ha pouco fallecido, accedi gostosamente, tanto mais que os periodicos portuguezes (pelo menos os que li, que deram noticias da morte de Storck foram, ou demasiadamente succintos, ou por vezes inexactos. O presente artigo é extrahido do livro que tenho no prelo, *O Dr. Storck e a litteratura portuguesa*. Já em 1903, num folheto intitulado *In Germania*, eu havia publicado um retrato de Storck (que é o se que reproduz agora aqui), e summariando os serviços prestados por este á nossa patria.

(2) Traduzida em portuguez pela Sr.ª Carolina Michaelis de Vasconcelos; está porém apenas por ora publicada uma parte.



DR. WILHELM STORCH

nheça Storck, e não se sintia possuído de justo orgulho pelo labor que por nossa causa este dispendeu. O proprio Governo o galardoou com o titulo de commendador da Ordem de Christo e de cavalleiro de S. Tiago. Algumas corporações scientificas nossas o contaram no seu gremio: a Academia das Sciencias, a Sociedade de Geographia de Lisboa e a Sociedade de Geographia Commercial do Porto, como socio correspondente; a Sociedade Nacional Camoneana do Porto, e o Instituto de Coimbra, como socio honorario. Storck era tambem membro do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

DR. FRANCISCO DE CASTRO MATTOSO CORTE-REAL

Quando o presidente do conselho assistia á reabertura do parlamento, no dia 16 do corrente, por uma d'aquellas fatalidades da sorte, á mesma hora em que os deveres do seu cargo lhe impunham o defender-se dos ataques que lhe dirigiam, a essa mesma hora exalava o ultimo suspiro de vida, na sua casa de Lisboa, seu irmão, o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso Corte-Real, juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Cruel golpe foi este para o sr. conselheiro Luciano de Castro, e não menos o foi para os amigos do fallecido, que eram muitos, por que muitas eram tambem as qualidades que distinguiam o sr. Mattoso Corte-Real, em que a não menor era a sua intelligencia lucida, o seu espirito alegre e bondoso coração, conjuncto de sentimentos que se impunham respeitosa e nobremente.

O sr. dr. Francisco de Castro Mattoso Corte-Real, nasceu no concelho de Aveiro por 1831.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra, principiou a sua carreira na magistratura, como juiz de direito de 3.ª classe, na comarca de Niza, em 1864, passando n'esse anno ainda para Benavente a seu pedido.

Em 1866 foi collocado procurador regio junto da Relação do Porto. Quatro annos depois (1870) era promovido á 2.ª classe indo juiz para Cintra, onde pouco se demorou, voltando a occupar o lugar que deixara na Relação do Porto.

Em Setembro de 1879 foi nomeado juiz para a comarca de Coimbra e, em 1885 promovido a juiz de 2.ª instancia para a Relação dos Açores, sendo transferido pouco depois para a de Lisboa.

Vogal da commissão do Codigo penal por decreto de 13 de Outubro de 1888; vogal da commissão da reforma judiciaria, por decreto de 30 de Outubro de 1890; vice presidente da Relação de Lisboa por decreto de 8 de Outubro de 1900; presidente da dita Relação por decreto de 12 de Junho de 1901 e juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça por decreto de 7 de Agosto do mesmo anno.

O sr. Mattoso Corte-Real seguiu toda a escala da magistratura, no decurso de quasi cincoenta annos, sendo um jurisconsulto dos mais considerados por seu saber e rectidão.

Na politica foi parlamentar distincto, e mili-



DR. FRANCISCO DE CASTRO MATTOSO CORTE-REAL

tando no partido progressista chegou ao pariato. Ultimamente era vice-presidente da camara dos pares.

Erratas do numero anterior

Na gravura do corpo docente da Escola Nacional — No 1.º plano — 1.ª linha onde se lê: Moraes Leitão, deve ler-se Marcos Leitão.

No 2.º plano — 1.ª linha, o nome do sr. Ivo de Carvalho, pertence ao 1.º plano e é o ultimo professor que está sentado á direita.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Atelier Photographique, FRAGA

Largo da Abegoaria, 4 — 66, Rua Serpa Pinto — LISBOA

SUCESSEUR DE MARTINEZ

Travaux photographiques en tous genres, depuis médaillon jusqu'à grandeur naturelle, par les procédés instantanés les plus récents, donnant les meilleurs résultats pour les enfants et tous les sujets animés. Poses et effets de lumière artistiques. Spécialité de la Maison *Platinotype & Chromotype*. Archives de 30.000 clichés qui peuvent être reproduits en indiquant l'année et le mois de la pose.

Travaux à domicile. — On parle Français, Anglais & Espagnol

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillas e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

TERRA ALHEIA

CONTOS DE MAXIMO GORKI E DE DICKENS — EDGARD POÉ — MAUPASSANT DAUDET — ANNUNZIO — MALOT — ABENE, ETC.

Traduzidos por Henrique Marques Junior
Prefacios de Brito Rebello e Albino Forjaz de Sampaio

Um elegante volume de bella leitura, illustrado com 24 retratos
300 reis, pelo correio 320 reis

A venda na Empresa do OCCIDENTE, Lisboa e nas livrarias



MAXIMO GORKI

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

ROBURINA

MEDICAMENTO PREPARADO POR

JAYME JOSÉ DA COSTA

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Tonico, reconstituente do systema nervoso, hyperglobulico e alimento de reserva, etc.

Empregado com efficacia, no tratamento da debilidade geral, anemia chlorose, neurasthenia e convalescença das doenças, etc., etc., conforme o provam os attestados dos principaes medicos da capital.

POSOLOGIA. — A *Roburina* toma-se dissolyda em agua. Na falta de indicação especial do clinico, 3 colhéres das de chá por dia, antes de cada refeição.

Preço do frasco 800 rs., pelo correio acresce o porte

PHARMACIA JAYME JOSÉ DA COSTA

115, 117, Rua de Andaluz, 119, 121

Telephone n. 1516

LISBOA

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Éditeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

